

MOVIMENTOS SOCIAIS



O ano começou aumentando as incógnitas da política e dos rumos do Brasil. A absurda condenação do ex-presidente Lula gerou uma reação social inesperada pelo golpismo e pode travar a retomada democrática. Não há cenário democrático numa eleição sem Lula. O povo ameaça subir o tom

Os nós da política brasileira e a reação popular

O início de 2018 reafirmou o que todo o ano de 2017 já demonstrou: Lula é o maior agente de mobilização social do país. Nos dias que antecederam o julgamento de exceção do ex-presidente, e no dia em que o absurdo golpista se confirmou, o Brasil assistiu a uma verdadeira onda (tanto nas redes sociais, quanto nas ruas) de reação popular muito clara: eleição sem Lula é fraude.

As manifestações de Porto Alegre no dia 23 de janeiro e em São Paulo no dia 24 foram maiores e intensas. As falas políticas tiveram claramente um tom mais acentuado, que foi acompanhado pelo povo. Não há possibilidade de retomada da democracia sem a presença de Lula com igualdade de condições na disputa eleitoral. Esse movimento foi acompanhado de uma grande mobilização nas redes sociais, com um inédito protagonismo das páginas oficiais do Partido dos Trabalhadores (PT) e de seus principais quadros.

Isso implica dizer que de certa forma o PT parece tomar a dianteira do processo de mobilização social que envolve a defesa das garantias democráticas. Os movimentos sociais, liderados pela Central Única dos

Trabalhadores (CUT), pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) apontam para um endurecimento de discurso e de reações organizadas voltadas à defesa dos direitos sociais, que neste momento estão centradas na definitiva derrubada da Reforma da Previdência.

O golpismo, por sua vez, parece não se entender. Dia após dia surgem novos nomes de candidatos, novos ensaios de articulação política, que são seguidos de bombardeios internos e denúncias, já demonstrando uma enorme ilegitimidade de qualquer nome conservador para conduzir o Brasil. Isso significa dizer que toda tentativa de se propor alguém para se eleger e legitimar o golpe será vã. Simplesmente porque não há apoio popular para tal.

Se de um lado parece não haver grande ímpeto popular para uma reação de milhões; de outro, não há, em nenhuma hipótese, chance para um apoio de milhões ao projeto conservador organizado pelos ilegítimos. Esse é o grande nó da política brasileira, que ao que tudo indica está longe de ser solucionado.

Os carnavais e as vontades democráticas

Apesar de haver uma nítida reação protagonizada, cada um a seu turno, pelo PT e pelos movimentos sociais, é preciso que se diga que essa articulação ainda não atingiu a massificação necessária para ferir de morte o golpismo no Brasil.

Essa aparente contradição pode ser explicada ao analisarmos a baixa capacidade das iniciativas populares em afetar de fato a conjuntura. Soma-se a isso uma grande massa alerta, porém ao mesmo tempo inerte, talvez pela insuficiência das formas tradicionais de manifestação e pela ausência de ação política.

Entretanto, a maior festa popular do Brasil ficou marcada definitivamente pela resistência democrática. Os carnavais de rua (especialmente em Belo Horizonte, São Paulo, Olinda e no Rio de Janeiro) foram marcados por diversas manifestações espontâneas de protesto contra o golpismo e a favor de Lula. O caso da escola de samba Paraíso do Tuiuti também marcou de forma muito intensa a ridícula situação política dos ilegítimos.

Uma simples iniciativa de ocupação do espaço público automaticamente dá vazão a esse sentimento real de indignação do povo. É inegável que a presença das pessoas nas ruas, generalizada pelo Carnaval em várias cidades do Brasil, desperta um sentimento coletivo de alto potencial transformador.

Talvez esse nó da política possa ser solucionado pela capacidade agregadora do espaço público. Há inegavelmente uma juventude bastante insatisfeita com as linguagens e com a institucionalidade que muitas vezes servem mais à repressão do que à inclusão. Nesse sentido, partidos e movimentos sociais tradicionais acabam se inserindo numa simbologia institucional prejudicial ao aumento da resistência.

Mais uma vez, aqueles que conseguirem obter essa resposta, na forma da construção política e de suas linguagens, podem ser capazes de se inserir num processo de ampliação estrutural da retomada democrática que inevitavelmente passará por conquistar essa massa que diz “Fora Temer” no Carnaval, mas que não participa das manifestações convocadas com esse propósito.

Não são raras as referências acadêmicas e históricas que corroboram essa questão. De qualquer forma, fundamentalmente é preciso que se diga que há uma pulsão social latente e não aproveitada no cenário político geral. A tese do “silêncio das massas” parece dar lugar a um diagnóstico de falta de canais qualificados e efetivamente participativos para a livre manifestação de ideias e anseios populares.

Isso pode justificar, por exemplo, porque as indignações aparecem em maior número de pessoas no Carnaval de rua e não em manifestações convocadas pelos partidos e movimentos sociais tradicionais. Em qualquer solução, não resta dúvida de que a prática política e a linguagem adotada são caminhos a serem percorridos.

O futuro do golpe

Percebe-se, de um lado, uma latência social ainda não tão bem aproveitada nos movimentos de resistência democrática e, de outro, vê-se o golpismo com nenhum amparo de legitimidade social.

Isso significa que a única estratégia possível de continuidade desse processo de ruptura democrática é aumentar a aposta no desequilíbrio das forças sociais. É certa a hipótese de que os ilegítimos lançarão mão de grande número de elementos mais antidemocráticos que os atuais. Um exemplo disso é a intervenção na segurança pública do Rio de Janeiro. A utilização do Exército como alternativa para um suposto aumento da violência no estado indica a natureza e o pensamento de um governo acuado por suas próprias negociatas e deslocado de qualquer apoio social.

Assim, independente de qual seja, a solução da reação popular parece ser ainda mais urgente, sob pena de um aumento definitivo da ruptura social vivida pelo país. Lula continua sendo a principal chave para essa retomada. Não há outra pessoa que consiga somar tanta força popular. No entanto, a força popular precisa ter cara, cor, espaço e uma narrativa própria. No momento em que o ativo político de Lula encontrar o anseio real do povo (principalmente quanto ao seu futuro), retomaremos a democracia no Brasil.